



CINEMA DE CULTO

MARCIO MARKENDORF

LEONARDO RIPOLL

(ORGS)

Marcio Markendorf
Leonardo Ripoll
(organizadores)

cinema de culto

– Coleção Cadernos de Crítica –
volume 2

Projeto Cinema Mundo



Florianópolis
Biblioteca Universitária Publicações
2017

Equipe Cinema Mundo

Joana Carla Felício
Leonardo Ripoll
Marcio Markendorf
Victor Toth Uehara

Revisão do original

Leonardo Ripoll

Projeto gráfico e diagramação

Marcio Markendorf e Leonardo Ripoll

Realização do projeto

Curso de Cinema e Biblioteca Universitária Central
Universidade Federal de Santa Catarina

Autores deste volume

Alexandre Vargas Linck
Filipe dos Santos Avila
Julian Alexander Brzozowski
Josias Ricardo Hack
Matheus Batista Massias
Gabriel Resende Santos

Catálogo na fonte pela Biblioteca Universitária
Universidade Federal de Santa Catarina

C574

Cinema de culto / Marcio Markendorf, Leonardo
Ripoll (organizadores). - Florianópolis :
Biblioteca Universitária Publicações, 2017.
56 p. - (Coleção Cadernos de Crítica ; 2)

Projeto Cinema Mundo.
Inclui bibliografia.
ISBN 978-85-65044-15-8

1. Cinema - Crítica e interpretação.
2. Cinema - Estética. I. Markendorf, Marcio.
II. Ripoll, Leonardo. III. Série.

CDU: 791.43

***Donnie Darko*: múltiplas dimensões da psicose e dos superpoderes**

Josias Ricardo Hack

1. Introdução

Donnie Darko é um filme norte-americano lançado no ano de 2001 que logo arregimentou um razoável grupo de admiradores para discutirem sua significação. A obra cinematográfica foi roteirizada e dirigida por Richard Kelly e conta com o então jovem Jake Gyllenhaal no papel de Donnie (apelido para Donald) Darko. A trama perpassa certas experiências de Donnie em diferentes espaços: em família, na escola, com os amigos, no tratamento psicoterapêutico, com a

namorada e nas incursões “psicóticas” que o levam a cometer certos “crimes”.

Donnie Darko pode ser considerado um filme de culto na medida em que trata de uma temática atemporal para o grupo de fãs interessados por viagem no tempo e pelas múltiplas dimensões do universo, dentre outras discussões às quais os arrazoados da Física Quântica se aproximam. Além disso, como também é próprio em um filme de culto, *Donnie Darko* leva seus fãs a buscarem interpretações variadas para se aproximarem da mensagem complexa que o autor propõe em sua obra. Isso quer dizer que qualquer aficionado nessas discussões já recebeu a sugestão ou sugeriu o filme *Donnie Darko*: comigo foi assim!

Na sequência, tecerei minhas considerações sobre o filme e, possivelmente, não conseguirei fugir muito do olhar neurótico sobre a obra, ou seja, de certa forma buscarei uma explicação lógica e razoável àquilo a que não temos ferramentas (tecnológicas e linguísticas) suficientes para explicarmos com clareza científica. Contudo, antes de apresentar minha visão, eu gostaria de introduzir a conceituação dada pela Gestalt Terapia aos termos “neurose” e “psicose”, pois a compreensão desses conceitos é essencial ao entendimento do personagem “psicótico” de Jake Gyllenhaal e da interpretação “neurótica” que farei na última seção do presente texto.

Então, boa leitura!

2. Ajustamento neurótico

Particularmente, mas também acompanhado de outros autores como Muller-Granzotto e Muller-Granzotto (2012), eu prefiro dar o nome de “ajustamento neurótico” àquilo que costumeiramente chamamos de “neurose”. Afinal, não é a pessoa em si que é “neurótica”, mas o ajustamento àquela circunstância é que foi neurótico. Ainda é importante destacar que a gênese do ajustamento neurótico está no passado, ou seja, em algum momento da formação da pessoa no qual o ajustamento foi

“automatizado” pelo corpo e passou a ser entendido como a única forma possível de equalização de dada situação.

As ações do personagem Donnie Darko que mais se destacam no filme (suas “alucinações” e as ações consequentes dessas “alucinações”) não podem ser caracterizadas como ajustamentos neuróticos no reino do *homo normalis*, parafraseando Reich (1979). Um bom exemplo de ajustamento neurótico é o que eu e você, caro leitor, estamos fazendo com o presente texto: uma tentativa de encontrar a “lógica” que nos ajudará a “controlar” e “ordenar” a significação da mensagem do filme.

Segundo a Gestalt Terapia, existem cinco formas principais de ajustamento neurótico:

1. Ajustamento confluyente – a pessoa busca um modelo, alguém ou algo que preencha o vazio causado pela ansiedade;
2. Ajustamento introjetivo – a pessoa busca um juiz ou um mestre que dê o veredito e diga aquilo que é certo ou errado;
3. Ajustamento projetivo – a pessoa busca um réu que possa ser responsabilizado pela ansiedade que ela está sentindo;
4. Ajustamento retroflexivo – a pessoa busca um cuidador, pois ela é a vítima da circunstância;
5. Ajustamento egotista – a pessoa busca admiradores para continuar adiando a realização do excitamento ansiogênico. (MULLER-GRANZOTTO; MULLER-GRANZOTTO, 2012).

3. Ajustamentos psicóticos

Semelhantemente ao que ocorre nos ajustamentos neuróticos, não é a pessoa em si que é “psicótica”, mas o ajustamento que ela aprendeu a desenvolver àquele tipo de circunstância é que se enquadra como psicótico. Então, eu também prefiro nomear a “psicose” como ajustamento psicótico. Inclusive, para a Gestalt Terapia, o termo “psicótico” carrega um

estigma construído injustamente. Por isso, a compreensão gestáltica busca a inclusão e aceitação do sujeito com ajustamento psicótico em seu entorno social, o que vai à contramão de outras áreas acadêmicas que bradam o isolamento (institucional ou medicamentoso) do “psicótico”.

As “alucinações” e ações consequentes das “alucinações” de Donnie Darko no filme podem ser caracterizadas como ajustamentos psicóticos. Inclusive, esse parece ser o motivo que leva sua família a buscar tratamento especializado ao jovem. Afinal, se ele não se “tratar” a sociedade poderá lhe tachar de “louco”. Porém, para a Gestalt Terapia, nos ajustamentos psicóticos:

A função do clínico é assegurar o direito de cidadania aos ajustamentos de busca produzidos pelos consulentes – estejam eles em surto ou não. Para tanto, os clínicos devem poder promover o deslocamento seguro dos ajustamentos com menor poder de contratualidade para outros com maior aceitação social, o que de forma alguma se confunde com a eliminação dos ajustamentos psicóticos em proveito de um padrão de comportamento adaptado, frequentemente neurótico. Trata-se, ao contrário, de apoiar o consulente para que ele possa fazer valer seu modo de vida, seus ajustamentos psicóticos nos contextos em que se insere. Disso redundam que as intervenções clínicas nos ajustamentos de busca procuram: a) em primeiro lugar, acolher o ajustamento, dado que ele é a forma possível como o consulente enfrenta as demandas; b) em segundo lugar, identificar as origens das demandas, pretendendo proteger o consulente do risco do surto; c) em terceiro lugar, habilitar as pessoas que convivem com o consulente a atuar como se fossem acompanhantes terapêuticos (em defesa da ampliação do espaço de mobilidade social do sujeito das formações psicóticas nos diferentes contextos sociais) ou cuidadores (partícipes do sistema de pensamentos, valores e sentimentos que o sujeito das formações psicóticas pode compartilhar e aprender nos diferentes contextos sociais em que é aceito) (MULLER-GRANZOTTO; MULLER-GRANZOTTO, 2012, p. 164-165).

Enfim, a pessoa que faz ajustamentos psicóticos busca, na realidade, os dados para fazer seus ajustamentos, pois ele não construiu fundos de vividos (!) que possam dar respostas àquilo que se manifestou no campo. Além disso, ela também não criou horizontes de possibilidades para a demanda que surgiu.

4. A psicose superpoderosa de Donnie Darko

A história do filme *Donnie Darko* se encaixa como cinema de culto, pois congrega os interessados por uma temática que é atemporal, afinal a suposição da existência de múltiplas dimensões no universo (não apenas as quatro identificadas por Einstein) acompanha a história da humanidade. Por exemplo, certos preceitos da Cabala judaica, do gnosticismo e de tantas outras concepções “míticas” trazem conceitos que, se fôssemos analisá-los à luz de certas correntes científicas atuais, poderiam se enquadrar, de alguma forma, em teorizações como as propostas pela Teoria das Cordas: que afirma que nosso Universo possui mais dimensões do que supunham as teorias anteriores. Mas, assim como a Cabala e o gnosticismo, a Teoria das Cordas é apenas uma teoria ainda sem a possibilidade de comprovação.

Quando assisti *Donnie Darko* pela primeira vez, logo “hipotetizei” que se tratava de uma discussão sobre as dimensões extras de nosso Universo ou sobre a possibilidade de existência de múltiplos universos. Principalmente, porque as citações dos capítulos da obra *A filosofia da viagem no tempo* referentes à personagem do filme, Roberta Sparrow (apelidada de “Vovó Morte”), fortaleciam essa compreensão. Inclusive, para você entender melhor alguns termos que utilizarei abaixo, como por exemplo, “Universo Tangente”, assista *Donnie Darko* novamente e pause quando aparecerem os excertos do livro, assim como fiz quando assisti ao filme pela segunda vez: refletir sobre esses excertos é um excelente exercício interpretativo da obra – dá margem a muitas “viagens”.

Na interpretação “neurótica” a qual cheguei, o filme começa em um Universo Tangente, criado pela queda da turbina de um avião, vinda do Universo Primário por meio de um “buraco de minhoca” criado por algum motivo em certo espaço-tempo do Universo Primário – a informação sobre o que ocasionou o “buraco de minhoca” lá não nos é dada no filme. Bom, o Universo Tangente coloca o Universo Primário em pausa até que ele se equilibre novamente com o retorno do objeto que voou (turbina do avião) para o Universo Tangente – esse retorno será possível apenas por um novo “buraco de minhoca” que aparecerá no dia, hora e minuto revelados pelo homem com fantasia de coelho, ao personagem principal. Donnie Darko (o receptor vivo) é quem acaba recebendo as “indicações” psicóticas e os poderes (força – machado na cabeça de bronze do cachorro; telecinese – para devolver a turbina pelo buraco de minhoca no final do filme) para encerrar o Universo Tangente. Mas, para dar fim ao Universo Tangente, Donnie Darko precisa se sacrificar e aceitar sua morte no Universo Primário. Por fim, em uma última investida neurótica de “controle” sobre a significação do filme de Richard Kelly, entendo que o “psicótico” Donnie Darko é “louco” apenas para o olhar social, pois na lógica das múltiplas dimensões do universo ele é o único esclarecido no Universo Tangente. Bem “neurótico” o meu olhar, não é mesmo? E, parece-me certo que deva ter “buracos de minhoca” interpretativos que inclusive nos levariam a outras dimensões de interpretação.

Não sou fã de encerrar textos com citações de outros autores, mas me parece que as palavras de Wilhelm Reich (1979, p. 529) sobre os psicóticos esquizofrênicos se encaixam perfeitamente em minhas reflexões sobre o filme *Donnie Darko*:

(...) Nestas experiências esquizofrênicas, manifesta-se perante os nossos olhos o mundo que é chamado o ALÉM no misticismo vulgar e na verdadeira religião. Tem de se aprender a ler esta linguagem. Aquilo que nunca é admitido pelo homo normalis, o que é vivido apenas na clandestinidade ou troçado de maneira parva, são as forças da natureza muito distorcidas; são exatamente as mesmas forças que

impregnam os grandes sábios, filósofos, gênios da ciência, na vasta esfera para além das concepções do homo normalis e do seu clamor político quotidiano. Ouso afirmar que, nas nossas instituições mentais, apodrecem muitos artistas, músicos, cientistas e filósofos, potencialmente grandes, porque o homo normalis se recusa a olhar para Além da cortina de ferro que desceu na frente da sua vida real, porque almas, derrotadas e naufragadas como “esquizofrênicas”, SABEM e PERCEPCIONAM aquilo que o homo normalis não ousa aflorar. Não nos deixemos distrair pelas distorções deste conhecimento. Escutemos o que tem a dizer estes seres humanos dotados e clarividentes. Podemos aprender muito com eles; podemos aprender a tornar-nos mais modestos, mais sérios, menos afetados e arrogantes, e podemos começar a compreender algumas das queixas que fazemos, de modo vago, nas nossas igrejas e nas nossas instituições acadêmicas superiores.

Penso que o presente texto sonha ser, em um Universo Tangente, uma interpretação “psicótica” do filme, mas reconheço que no Universo Primário no qual eu vivo não foi possível dar a vazão necessária à criatividade. Por isso, encerro minhas palavras aqui, afinal, tudo o que eu quisesse acrescentar seria redundantemente “neurótico”.

REFERÊNCIAS

- MULLER-GRANZOTTO, Marcos; MULLER-GRANZOTTO, Rosane. *Clínicas Gestálticas: sentido ético, político e antropológico da teoria do self*. São Paulo: Summus, 2012.
- REICH, Wilhelm. *Análise do caráter*. 21. ed. Lisboa: Dom Quixote, 1979.